



AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volumes 74-75

SUSANA CORREIA (1955-2021) *IN MEMORIUM*

SILOS, MATAMORRAS E COVAS DE PÃO - ARMAZENAMENTO MEDIEVAL
E MODERNO EM PORTUGAL

Título

Arqueologia & História

13ª Série

Volume

74-75

Ano de Edição

2025

Ano Associativo AAP

2022-2023

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Morais Arnaud e César Neves

Design gráfico

Paulo Freitas

Fotografia da capa

Escavações em BRA77A, que se prolongaram em 1978, sob a direcção de Susana Correia e João Castro

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

250 exemplares

Depósito legal

73 446/93

ISSN

0871-2735

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

- 5 Editorial
José Morais Arnaud

SUSANA CORREIA (1955-2021) IN MEMORIUM

- 9 Apresentação
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 11 Susana Correia / primórdios do Campo Arqueológico de Braga (1977/1978)
Francisco Sande Lemos
- 21 Uma mulher do Norte, em trânsito para o Alentejo
António Carlos Silva
- 27 Década de 80: alegria do trabalho num sopro de nostalgia
Teresa Marques
- 31 À Susana, uma serena viagem para Ítaca
Maria Filomena Barata
- 35 Legado de Susana Correia aos jovens arqueólogos
Jacinta Bugalhão
- 49 “*Informação Arqueológica*”. Um boletim de e para a divulgação da Arqueologia Portuguesa
Carlos Boavida
- 61 Susana Helena Bastos Correia da Fonseca (1955-2021), antiga aluna, amiga de sempre, cidadã empenhada: a nostalgia do Sul
Vitor Oliveira Jorge
- 65 Degebe em Alqueva: 1998-2001
Ana Sofia Antunes, Consuelo Gómez Granel, Lidia Virseda Sanz
- 83 A Rua do Sembrano. Um caso paradigmático de Arqueologia Urbana na cidade de Beja
Carolina Grilo
- 95 Susana Correia e o projeto do Museu de Moura
Santiago Macias
- 99 Memórias
Susana Lopes
- 103 Lembrando a Susana
Eduardo Pires de Oliveira
- 107 Susana. Memórias, Encontros e Partilhas
Ana Isabel Palma Santos
- 109 Susana Correia e o Museu Municipal de Arqueologia de Serpa
Ana Sofia Antunes
- 117 Para uma bibliografia da Susana Correia
Manuela de Deus

SILOS, MATAMORRAS E COVAS DE PÃO – ARMAZENAMENTO MEDIEVAL E MODERNO EM PORTUGAL

- 125 Colóquio – “Silos, matamorrás e covas de pão – Armazenamento Medieval e Moderno em Portugal”
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida, João Marques, Teresa Marques
- 127 Os silos Medievais da *Villa* Romana da Sub-Serra da Castanheira do Ribatejo
Luísa Batalha, Guilherme Cardoso, Mário Monteiro
- 137 As “covas de pão” de Carnide: um grande celeiro às portas da Lisboa medieval
Ana Caessa, Nuno Mota

- 157 Silos Medievais de São Vicente de Fora – Lisboa
Nuno F. Poínhas Pires
- 167 Problemáticas em torno da gestão de um espaço ao longo de dois séculos: os silos medievais do Largo da Atafona – Lisboa
Vasco Noronha Vieira, Tiago Pereira, Vanessa Filipe, José Pedro Henriques, Dário Neves, Marina Carvalhinhos
- 177 Silos Medievais no Núcleo Histórico de Almada: tipologias e seu contexto
Sérgio Manuel Peleja Rosa
- 195 *Quem Guarda, acha!* Os silos medievais do Centro Histórico de Moura
Vanessa Gaspar

ARTIGOS

- 215 Lâmina de machado, pré-histórica, no culto ibérico a Júpiter?
Mário Varela Gomes
- 221 As antiguidades romanas em Júlio de Castilho: os casos particulares do teatro e das termas dos Cássios
Lídia Fernandes, Carlos Cabral Loureiro
- 239 Arqueolog(IA). O uso da Inteligência Artificial na prática e na teoria arqueológica
Daniel Carvalho
- 247 Francisco Santana. O olisipófilo e o periódico *Olisipo*
Eunice Relvas
- 253 Contar 30 Anos. A actividade da Comissão de Estudos Olisiponenses (1994-2024)
Carlos Boavida

RELATÓRIOS

- 263 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2022
José Morais Arnaud, Luís Raposo, Andrea Martins, José Barreto Domingos, Mariana Diniz
- 271 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2023
José Morais Arnaud, Luís Raposo, Andrea Martins, José Barreto Domingos, Mariana Diniz
- 279 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2022
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 283 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2023
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 287 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2022
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 291 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2023
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 293 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2022
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 297 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2023
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 301 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do ano 2022
Lina Oliveira
- 303 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do ano 2023
Lina Oliveira
- 305 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2022
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves
- 313 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2023
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

SUSANA HELENA BASTOS CORREIA DA FONSECA¹ (1955-2021), ANTIGA ALUNA, AMIGA DE SEMPRE, CIDADÃ EMPENHADA: A NOSTALGIA DO SUL

Vitor Oliveira Jorge

Investigador do IHC-FCSH-UNL / vitor.oliveirajorge@gmail.com

Não conheci a Susana Correia no primeiro dia em que cheguei ao Porto para ali definitivamente me instalar como docente da Faculdade de Letras – 2 de janeiro de 1975 – mas deparei-me com ela casualmente poucos dias depois². Ela e uma outra amiga, Ana Leite da Cunha, estavam as duas à espera das aulas naquela época conturbada, numa área pública do edifício onde a FLUP provisoriamente funcionava. E logo me receberam como praticamente toda a gente ali: com alegria e satisfação. Guardo essa primeira, sorridente e acolhedora imagem dela, na minha memória.

Era no imóvel que fica ao lado do quartel da Guarda Nacional Republicana, e do outro lado da rua estava e está o vetusto Hospital de Santo António, imponente e escuro, na sua fachada monumental³. O Porto não era fácil então de incorporar para uma pessoa como eu, que vinha de Lisboa, uma cidade “branca”, e também da ensoleirada Angola.⁴ Associe essas primeiras

imagens do Porto ao frio, à cor escura do granito de que são feitos os edifícios - nomeadamente os mais monumentais -, qual esponja dura absorvendo a humidade, e àquela chuva por vezes miudinha que ia embecendo as ruas e as vivências das pessoas. Decerto, este era o sentimento dominante de um “transplantedo” como eu, com a nostalgia do Sul, mas também com a enorme satisfação de finalmente ir fazer com mais estabilidade, no meu verdadeiro país e não numa colónia, aquilo de que sempre gostei: estudar, investigar, dar aulas. Quem tinha enfrentado a árdua África havia agora de conseguir enfrentar também o “nevoeiro” do Norte... e do meu futuro, integrando-me apressadamente num ambiente desconhecido, para fazer, com prazo curto, a almejada tese de doutoramento, imprescindível para me “segurar” na carreira. “Nevoeiro” sobretudo porque eu conhecia muito pouco sobre uma região relativamente à arqueologia da qual eu dispunha já então, de facto, de escasso tempo para poder produzir um trabalho de fundo.⁵

Mas o sorriso da Susana Correia e dos colegas, aparentemente “ansiosos” de me conhecer, pareceu-me, foi logo uma boa “entrada”, um bom auspício, nesta nova etapa de recomeço da minha vida.

A Susana não era de início propriamente o protótipo da aluna estritamente cumpridora de horários leti-

¹ Alguns dados sobre ela, na Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Susana_Helena_Correia, ou aqui: https://pt.ithérald.vn/pt/Susana_Helena_Correia.

² Tinha ela 20 anos, pois nascera no Porto em abril de 1955.

³ Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Hospital_de_Santo_António.

⁴ Para onde tinha sido “enviado” como assistente da Universidade de Luanda, Cursos de Letras (atual cidade do Lubango, então Sá da Bandeira).

⁵ Naquele tempo as provas académicas eram tarefas bastante pesadas, ganhava-se muito mal, e eu estava casado ainda com uma estudante. Valeu-me a minha juventude e uma enorme disciplina!

vos: ainda muito nova, sentia-se nela uma inquietação ativa, um grande desejo de viver a vida... e também temos de nos lembrar do que era o frenesim daqueles tempos! Ela morava relativamente longe, na rua que desce para a estação de Campanhã, embora no Porto da altura não se podia propriamente dizer que algo ficava muito afastado dali, daquele edifício antigo, e central, onde dávamos aulas. Foi o local onde depois funcionou o Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar⁶. Mas foi, muito antes disso, e na génese da reabertura da FLUP (que como se sabe havia sido encerrada pelo regime autoritário em 1928, e depois reaberta em 1961⁷) o sítio onde funcionou o Centro de Estudos Humanísticos, que conheci fugazmente em 1966.⁸ A FLUP “viveu” muito tempo em edifícios precários, como por exemplo, temporariamente, no Seminário do Vilar, depois durante muito tempo no imóvel de tipo “pré-fabricado” do Campo Alegre (com os seus jardins bonitos e o Palacete Burmester), até finalmente se instalar definitivamente onde está, no imóvel da Via Panorâmica, obra do arquiteto Tasso de Sousa, em dezembro de 1975. A Susana, que se licenciou em História, Pré-Especialização em Pré-história, em 1978, na FLUP, viria a percorrer como estudante todos estes edifícios, pois finalmente obteve também na FLUP o seu grau de mestre em 19 de junho de 1996, com uma dissertação intitulada: “Calcolítico do Sul de Portugal. Estudo de um caso: o concelho de Cuba”.⁹ Já na altura tinha, aliás, um extenso curriculum de atividades

⁶ Obra notável do Prof. Nuno Grande, médico ilustre que conheci em Angola e de quem me tornei amigo também.

⁷ Cf. <http://blogs.letras.up.pt/100anosflup/historia/>

⁸ Cf. https://centenario.up.pt/ver_momentodac5.html?id_momento=39. Em 1966, participei no Vº Colóquio Portuense de Arqueologia organizado pelo CEH, sob a égide de D. Domingos de Pinho Brandão, figura amável e de grande importância na cidade, com quem contactei mais tarde diversas vezes. Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Domingos_de_Pinho_Brandão. E também na altura conheci e fiz-me amigo do Manuel Luís Real, então estudante como eu, depois arqueólogo e historiador de arte, com quem travei extensa relação epistolográfica: <https://flup.academia.edu/ManuelLuisReal>.

⁹ Orientada por Susana Oliveira Jorge (atualmente Susana Soares Lopes), teve o seu júri constituído por esta professora, bem como pelo signatário do presente texto, e como arguente José Clemente Martín de la Cruz, professor catedrático da Universidade de Córdoba, Espanha (cf. <https://lanochedelosinvestigadores.fundaciondescubre.es/investigador/jose-clemente-martin-de-la-cruz/>). Classificação: Muito Bom. Cf. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3840.pdf>, pp. 292-293.

arqueológicas, ou com elas relacionadas, e também de ensino.

Naquele concelho de Cuba, Baixo Alentejo, a Susana concentrou os seus trabalhos em campanhas de escavação no Cabeço da Azurria, um sítio arqueológico calcolítico, entre 1993 e 1995, e, já em 1996, numa campanha de prospeção sistemática do concelho (Correia, 2000, p. 162).

Não era fácil então, como não era antes, nem até hoje, ser arqueólogo em Portugal: a arqueologia, salvo raras exceções, sofreu sempre no nosso país de uma grande incompreensão pública, que se reflete evidentemente ao nível do aparelho de Estado: é a “parente pobre”, por assim dizer, dos estudos de património cultural em Portugal, e a Susana Correia sentiu também essa dificuldade para fazer a sua tese, e creio que depois terá acabado por ficar algo desmotivada para ir mais longe na graduação académica, como aconteceu a tantos colegas seus; além disso, na verdade, naquele tempo, os que faziam doutoramento eram praticamente apenas os docentes universitários. Mas ela é, sem dúvida, mais um exemplo do que a chamada “escola do Porto” “exportou” para todo o país, em termos de uma arqueologia pré-histórica, e de uma consciência patrimonial, assente em bases teóricas de alguma qualidade. Embora a Susana fosse sobretudo, e ainda bem, uma pessoa com grande sentido prático, generalista e adaptativo, comungando da grande esperança que todos tivemos de que o “25 de abril” nos traria um Portugal totalmente novo, moderno, e eficaz, na salvaguarda, valorização e usufruto público do nosso património cultural.

Na verdade, a Susana Correia teve sempre uma atividade e experiência de aprendizagem e profissional muito diversificadas, típicas de uma época em que os jovens se confrontavam com profundas mudanças que estavam a ocorrer na sociedade portuguesa e suas instituições. Isso implicava uma constante adaptação a contextos muito fluidos, o que levou a Susana a trabalhar de norte a sul do país, até finalmente (a partir de 1990) se radicar em Évora, como técnica superior, que já era, do Instituto Português do Património Cultural (Direção Regional de Cultura do Alentejo à altura do seu falecimento), e a habitar em Beja. Por isso sempre conoto a Susana com essa nostalgia do Sul que a fazia apreciar muito um poema meu, escrito no Porto, que tinha este verso – “nós somos do Sul” -, e que a levou sempre “a caminhar para sul”, do Porto para Lisboa, e daqui para o Alentejo. Ela apreciava muito essas paisagens abertas, planas, quentes e até tendencialmente áridas, onde a água tem um valor acrescido, prático e

simbólico, e comungava muito da também minha (atitude tipicamente “ocidental”) atração pelo deserto.¹⁰ Mas era, como pessoa, claramente uma hedonista, amante de tudo quanto na vida apela aos sentidos, em sintonia com a libertação que “abril abriu”; inteligente e culta, muito informada e atenta a temáticas que lhe importavam, não era propriamente o que se poderia chamar uma “intelectual” em “estado puro” (mas, afinal, o que será isso?...); porém, possuía uma excelente biblioteca e era extremamente metódica, trabalhadora, adaptativa e empenhada nas tarefas que empreendia.

De facto, cedo a Susana Correia começou a tentar obter experiências “profissionalizantes”, ou mesmo profissionais, amplas e diversificadas. Desde 1977 colaborou intensamente com o Campo Arqueológico de Braga, chegando, em 1978/79, a dar aulas num módulo da Universidade do Minho. Praticou também a docência no ensino secundário, até começar a colaborar com o antigo Instituto Português do Património Cultural, em 1980. Interveio em inúmeras ações, quer do Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, quer do Campo Arqueológico de Mértola, quer da Associação dos Arqueólogos Portugueses... enfim, é impossível enumerá-las todas, mas é fundamental acentuar que a sua atividade nos âmbitos da arqueologia e do património cultural se estendeu, ao longo de uma boa parte da sua vida, e até em decorrência das suas funções em Évora, a diversos concelhos alentejanos, zona de Portugal da sua eleição.

Concentrado no Norte nas pesquisas e outras atividades absorventes a que fui ficando ligado, passei a contactar com a Susana de forma apenas esporádica; e portanto deleigo noutros colegas e amigos a rememoração mais detalhada do seu curriculum, o qual não deixou de incluir uma crescente atividade política, como militante do PCP, o que certamente também se adequava bem à sua atração pelo Sul, e pelo Alentejo em particular, como tenho acentuado.¹¹

Mais tarde, aquando da fase preparatória final da construção da barragem do Alqueva, a Susana envolveu-se também nessa “luta contra o tempo”, através

da criação e direção da associação Degebe¹². Como escreve Beatriz Correia Barata num estudo de síntese sobre as pesquisas efetuadas na zona do Alqueva, “(...) foi a chefe de equipa responsável pelos trabalhos de minimização nos blocos 4 e 7 localizados entre a Ribeira do Álamo e a Bacia do Degebe. A Degebe, Associação de Valorização do Património Cultural desenvolveu, entre 1998 e 2001, diversos trabalhos arqueológicos visando a minimização de impactes arqueológicos na área a abranger pelo Regolfo do Alqueva, os contratos foram celebrados com a EDIA, após um concurso. Estes trabalhos corresponderam ao **Bloco 4** (Sítios da Pré-história Recente entre a ribeira do Álamo e a bacia do Degebe, nos concelhos de Reguengos de Monsaraz e Portel) e **Bloco 7** (Antas da Bacia do Degebe, concelho de Portel). ”¹³

Mas, muito antes disso, e na sequência das transformações (e esperanças!) decorrentes do 25 de abril de 1974, e de um fôlego novo que apesar de tudo a arqueologia experimentou, a Susana Correia e um outro amigo e colega arqueólogo, António Carlos Silva, desafiaram-me, nos inícios dos anos 90, quando ainda a Susana estava em Lisboa, e ambos no IPPC (Instituto Português do Património Cultural/Departamento de Arqueologia) a realizar uma espécie de curso, ou de sequência de seminários, no Museu Nacional de Arqueologia, em Belém, onde então funcionavam os serviços de Arqueologia do IPPC. Foi uma grata experiência, muito enriquecedora para mim; era a época dos grandes debates entre a velha escola positivista, a nova arqueologia ou arqueologia processual, e a chamada arqueologia pós-processual, e uma perspectiva que cada vez valorizasse mais a antropologia, no sentido de uma “paleoantropologia cultural”, em que eu acreditava na altura, era considerada útil para os amigos e colegas arqueólogos de Lisboa. Assim, lá vinha eu satisfeito do Porto para essas sessões de

¹² Recordo-me de então me ter pedido ajuda e conselho na área do megalitismo, aquando de uma passagem minha pelo Alentejo. Estava a acometer o estudo de duas antas da bacia do Degebe, que se encontravam envolvidas por forte matagal, e a equipa de que dispunha era escassa: tarefa bastante difícil!

¹³ Cf. pág. 13 do trabalho “Barragem do Alqueva. Plano de Minimização de Impactes no Património Arqueológico”, realizado no âmbito do Seminário de Gestão e Proteção do Património Arqueológico do Mestrado de Arqueologia da FCSH da Universidade Nova de Lisboa, e consultável aqui: https://www.academia.edu/22300989/Barragem_do_Alqueva_PLANO_DE_MINIMIZAÇÃO_DE_IMPACTES_NO_PATRIMÓNIO_ARQUEOLÓGICO.

¹⁰ Foi ela que me revelou a beleza da região almeriense do Cabo de Gata, no SE espanhol. E sei que era também muito atraída pelo Norte de África, como eu: este “apelo do deserto” tão vincado.

¹¹ Cf. por exemplo https://pt.wikipedia.org/wiki/Susana_Helena_Correia

fim de tarde, e nunca esquecia, entre Santa Apolónia e o Museu, os famosos pastéis de Belém cujo sabor sempre esteve para mim ligado à arqueologia... e na pastelaria revia ansiosamente os meus apontamentos para que depois tudo corresse bem. Era-me grato ver passar por ali, pelo Museu, colegas e amigos, vários deles depois “famosos” no nosso meio.

Ainda como aluna, ou jovem licenciada - e as recordações vão vindo ao sabor da escrita - a Susana Correia participou em várias iniciativas que organizei ou em que me integrei, desde 1975, em França, em Lousada, na Galiza, no Bombarral, na Aboboreira, em Granada, e até na Alemanha, numa célebre visita de estudo em dezembro de 1975 promovida pelo Instituto Arqueológico Alemão, e que foi marcante para todos os participantes.

Eis por que razão, apesar de apenas num modesto texto, e num momento em que se homenageia a memória desta pessoa íntegra, honesta, trabalhadora, esforçada e inteligente, eu não podia deixar de marcar presença em prol da recordação de uma amizade que, no meu caso, só cessará quando eu próprio também deixar de existir.


Loures, setembro de 2022.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORREIA, Susana; OLIVEIRA, José Carlos (1992) – Intervenções arqueológicas do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul no Baixo Alentejo, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 32, 1-4, pp. 315-334.

CORREIA, Susana (1996) – *Calcolítico do Sul de Portugal – Estudo de um caso: o conelho de Cuba*, dissertação de mestrado (fotocopiada), apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

CORREIA, Susana (2000) – Investigação em Pré-história Recente no conelho de Cuba – balanço dos resultados e perspectivas futuras, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 40, 1-2, pp. 162-184.



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2025

www.arqueologos.pt